

## A CANÇÃO E A POESIA NO NACIONALISMO CULTURAL IRLANDÊS

### MUSIC AND POETRY IN IRISH CULTURAL NATIONALISM

Adelaine LaGuardia<sup>30</sup>Raimundo Sousa<sup>31</sup>

**Resumo:** Numa perspectiva suplementar em relação às teses que creditam a constituição imaginária da nação a práticas escriturais como o jornal impresso e o romance, ressaltamos o papel desempenhado nesse exercício imaginativo pela literatura de expressão oral, especificamente a canção e a poesia. Para tanto, focalizamos o nacionalismo cultural empreendido na Irlanda, cuja população, majoritariamente iletrada, dependeu de poéticas orais para se imaginar como nação. Assim, avaliamos, mediante exame de canções e poemas produzidos pelo nacionalismo irlandês no século XIX e início do XX, o contributo da canção e da poesia para a criação e difusão de um sentimento de nacionalidade entre os irlandeses. Ao investigarmos a metaforização da Irlanda como uma mãe que, em relação aos filhos varões, mostra-se ora protetora, ora dependente, ora desleal, atentamos tanto para a instrumentalidade ideológica da literatura no sentido de instigar os irlandeses à luta pela descolonização quanto para seu efeito subjetivo como canalização de ansiedades decorrentes da experiência colonial.

**Palavras-chave:** Irlanda; Nacionalismo; Canção; Poesia

**Abstract:** In a supplementary perspective in relation to the theses that credit the imaginary constitution of the nation to writing practices such as the printed newspaper and the novel, we highlight the role played, in this imaginative exercise, by literature of oral expression, specifically music and poetry. For this purpose, we focus on cultural nationalism undertaken in Ireland, whose inhabitants, mostly illiterate, depended on oral poetics to imagine themselves as a nation. Thus, we evaluate, through examination of songs and poems produced by Irish nationalism in the nineteenth and early twentieth centuries, the contribution of music and poetry to the creation and dissemination of a sense of nationhood among the Irish. By investigating the metaphorization of Ireland as a mother who, in relation to her sons, is sometimes protective, sometimes dependent and sometimes unfair, we scrutinize both the ideological instrumentality of literature as a way to instigate the Irish struggle for decolonization and its subjective effect as channelization of anxieties arising from the colonial experience.

**Keywords:** Ireland; Nationalism; Music; Poetry

### Introdução

Em trabalho seminal, Anderson (1983) sublinha a instrumentalidade da imprensa na consolidação do nacionalismo moderno por facultar, mediante produção e circulação de textos em larga escala, a difusão do sentimento de integração entre

---

<sup>30</sup> Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: adelaineufs@gmail.com

<sup>31</sup> Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: raimundo\_sousa@terra.com.br

concidadãos que se imaginam como pertencentes a uma comunidade una e indivisa. Embora passe ao largo da universalização de valores dominantes, não problematizando qual ideia de nação é imaginada a expensas de qual e quem a imagina em detrimento de quem, sua definição supera o reducionismo das precedentes ao caracterizar a nação, para além de entidade geopolítica, como uma comunidade imaginada sob influxo da ascensão simultânea do nacionalismo e da cultura impressa.

Todavia, numa perspectiva suplementar em relação às teses que creditam esse exercício imaginativo a práticas escriturais como o jornal impresso (ANDERSON, 1983) e o romance (SOMMER, 1991), apontamos outro caminho para compreendermos a invenção literária da nação em nosso exame da constituição imaginária da Irlanda. Os irlandeses, majoritariamente iletrados<sup>32</sup> e despossuídos de tradição romanesca, dependeram de manifestações culturais expressas pela oralidade, tais como a canção e a poesia, para forjarem sua identidade nacional, de maneira que em seu nacionalismo cultural a nação, como narrativa, seria mais ouvida do que propriamente lida. Atentos a essa particularidade, examinaremos um conjunto de canções e poemas representativos do nacionalismo irlandês no século XIX e início do XX a fim de avaliar o contributo da canção e da poesia para a criação e difusão de um sentimento de nacionalidade entre os irlandeses. Ao investigarmos as formas de metaforização da Irlanda como uma mãe que, em relação aos filhos varões, mostra-se ora protetora, ora dependente, ora desleal, atentamos tanto para a instrumentalidade ideológica da literatura no sentido de instigar os irlandeses à luta pela descolonização quanto para seu efeito subjetivo como canalização de ansiedades decorrentes da experiência colonial.

### **A metaforização da Irlanda no nacionalismo cultural**

Em interpretação psicanalítica dos conflitos angloirlandeses, Ernest Jones (1923) propunha uma explicação edípica para o contraste entre a afetuosidade dos escoceses e gauleses e a hostilidade dos irlandeses em relação ao império. A pacificação do vínculo entre Escócia e Inglaterra, análogo àquele entre “dois homens

---

<sup>32</sup> A fim de assegurar seu domínio na Irlanda, a administração imperial estabeleceu uma série de Leis Penais, dentre as quais a que proibia os irlandeses católicos de obter educação formal.

fortes” que, após travarem combate, unem-se “numa parceria de benefício mútuo” (JONES, 1923, p. 398-399; tradução nossa<sup>33</sup>), decorreria, em parte, do fato de ambos os países partilharem de uma mesma raça e cultura anglo-saxã. Por seu lado, os gauleses, embora diferissem racial e culturalmente dos colonizadores, teriam aprendido a conviver com estes em relação similar à de dois irmãos “de tamanho desigual”, mas “com uma bem-humorada tolerância de um lado e uma combinação de petulância e admiração de outro” (JONES, 1923, p. 399). Em patente contraste com a identificação de ambas as colônias como masculinas e vinculadas ao império por laços de irmandade, a percepção da Irlanda como feminina e maternal explicaria a anglofobia dos gaélicos mediante um determinismo topográfico que creditava à geografia da ilha fechada sobre si mesma, como que isomórfica ao útero, sua suscetibilidade a investimentos simbólicos:

The complexes to which the idea of an island home tends to become attached are those [...] which fuse in the central complex of the womb of a virgin mother. This means, of course, birth-place. In the secret recesses of his heart every male cherishes the thought that his mother is a virgin, this representing the repudiation of the father [...]. That important consequences in life may follow [...] from the association of one's actual home and country with the profound source of feeling just mentioned is not surprising (JONES, 1923, p. 401).

Ainda que a crueza do colonialismo se exprima mais contundentemente na esfera psíquica (NANDY, 1983) – não por acaso o maior desafio anticolonial consiste na descolonização do imaginário (THIONG’O, 1986) –, Jones ignorava particularidades geopolíticas ao tomar a psicanálise como determinante em relação à história, reduzindo a interpretação da dialética colonial ao paradigma psicanalítico da constelação familiar. Embora relevante como ilustração dos impulsos amistosos e hostis dirigidos à terra natal e aos colonizadores – já que toda sublimação se funda no simbolismo e a base necessária para a simbolização reside na angústia (KLEIN, 1948) –, a metáfora da triangulação edípica incorre em reducionismo quando não situada historicamente. Alheia a vetores históricos como a relação entre a anglofobia mais incisiva dos irlandeses e o fato de sua colonização ter se dado mais brutalmente do

---

<sup>33</sup> Todas as traduções de citações em língua estrangeira são de nossa autoria. Em benefício da fluência textual, optamos por traduzir as citações curtas, fragmentadas no corpo do texto.

que a dos vizinhos, a análise de Jones também sugere que os homens, “naturalmente”, amam a terra-mãe e odeiam o colonizador. Assim, essa interpretação não problematiza a ocorrência de pressões políticas que, por imporem determinadas formas de subjetividade, mobilizam tais moções e fantasias.

Apesar dessas ressalvas, a análise do psicanalista evidencia que a metáfora, longe de mera figura de linguagem, consiste em um mecanismo psíquico e cognitivo impactante sobre a forma de experiência da realidade e constituinte da própria realidade enquanto ferramenta de que os sistemas de representação se valem. De fato, uma das reações mais prementes do nacionalismo cultural irlandês consistiu na reversão da metáfora matrimonial pela qual o império naturalizava seu vínculo com a colônia sob os álibis da complementaridade e hierarquia “naturais” entre os sexos. Para tanto, estabeleceu-se um rearranjo no legado mitológico nativo tal que a escolha do panteão de heróis míticos como ícones nacionais ignorou figuras femininas ativas cuja agência poderia subverter um discurso colonial que codificava a colônia como uma mulher desvalida. Embora personagens legendárias como a Rainha Maeve, se alçadas como significantes da nação, oferecessem uma consistente contraposição identitária, o nacionalismo cultural, obstinado pela remasculinização dos homens nativos, não idealizaria uma amazona que não só os desdenhava<sup>34</sup> como os sobrepujava em inteligência e destreza marcial. Seria preferível uma metáfora feminina que melhor servisse ao resgate da autoestima dos gaélicos, nutrindo-lhes uma fantasia narcísica de virilidade ao ser dependente de sua salvaguarda.

Outra personagem mítica, a deusa-rainha que na Irlanda pré-colonial autenticava a ascensão de cada futuro rei ao trono, foi absolutamente destituída de seu poder simbólico. Desde o século VIII, era recorrente no folclore gaélico a representação de um mito de soberania no qual todo ascendente ao trono deveria se submeter a um rito de iniciação – o *banfheis rígi* – cujo ápice consistia em uma ardente cópula com Cailleach Beare, deusa-rainha que então metaforizava a Irlanda. O cumprimento dessa “formalidade” seria apazível não fosse Cailleach fisicamente repugnante, já que tão velha quanto as montanhas. Quando reidratada pelo sêmen

---

<sup>34</sup> É elucidativo o episódio em que, retornando a seu castelo após o assassinato do marido em uma batalha, Maeve declara às mulheres que lamentavam a morte: “Homens mortos não têm nenhuma utilidade para nós aqui”, e retorna ao campo de batalhas para se casar com o general do exército inimigo (CASSIDY, 1922, s.p).

daquele que assentisse em participar do ritual, a velha decrépita rejuvenesceria e, uma vez *desvelada* sua beleza oculta – Cailleach significa aquela que usa o véu (*caille*) (HULL, 1927) –, transformar-se-ia numa jovem formosa que o recompensaria com o régio poder. Portanto, além de sexualmente ativa, Cailleach era, em certo limite, politicamente atuante como guardiã do falo a ser repassado a seus eleitos, embora sua metamorfose dependesse da aquiescência destes em introduzir-lhe o membro viril. A deusa-rainha teria diversas vidas, cada qual junto a um consorte diferente cujo envelhecimento a faria também envelhecer, donde a necessidade de outro marido, pois sua juventude e fecundidade seriam restituídas tão-somente pela reposição marital – assim como a continuidade da nação dependeria da sucessão régia.

É ilustrativa uma das versões do mito, adaptada por Cross e Slover (1936), na qual os filhos do monarca irlandês vão, um a um, até um mesmo poço ciceroneado por uma mesma velhinha de fisionomia horrenda que exige, em troca da água, um cáldo beijo. Único intrépido o bastante para assentir à exigência, Niall é designado legítimo herdeiro do trono pela deusa:

“Who art thou?” said the youth.

“I am the Sovereignty of Erin,” she answered...“And as thou has seen me loathsome, bestial, horrible at first and beautiful at last, so is the sovereignty; for seldom it is gained without battles and conflicts; but at last to anyone it is beautiful and goodly” (CROSS; SLOVER, 1936, p. 512).

Para ser devidamente politizado, o mito sofreria um ajuste contundente pela conversão de Cailleach Beare numa Shan van Vocht (Pobre Velhinha) que, destituída de agência e sexualmente inativa, metaforizaria uma Irlanda envelhecida, fragilizada e dependente da proteção de seus filhos varões, como ilustram os paradigmáticos versos de Pádraic Pearse (1917, p. 323):

I am Ireland: / I am older than the Old Woman of Beare. / Great my glory: / I that bore Cuchulainn the valiant. / Great my shame: / My own children that sold their mother. / I am Ireland: / I am lonelier than the Old Woman of Beare.

A representação da Shan van Vocht como mais senil do que Cailleach Beare desautorizava esta última como metáfora da soberania, antepondo-lhe uma figura despossuída da própria soberania e cujo maior desamparo sublinhava uma premência

de cuidado mais prometedora de gratificação narcísica a quem lhe valesse. Assim, a Irlanda-como-esposa do império era convertida em Irlanda-como-mãe de filhos másculos que com a própria vida a defendiam do usurpador em um romance familiar no qual a mãe violada, ao clamar por socorro, ofereceria aos rebentos um valioso ensejo de afirmar sua hombridade. Doravante o herói que socorresse a Irlanda deitaria em solo frio, não mais sobre a carne ardente, e derramaria sangue em vez de sêmen, pois, na dinâmica dos fluidos, agora aquele, não mais este, seria investido de poder vivificador pela idealização do auto-sacrifício masculino<sup>35</sup>.

Assim, tanto no mito matricial quanto em sua recodificação a mulher, como projeção de fantasmas, não era mais do que um *sintoma*, uma expressão projetiva do desejo de outrem na qual o horror da castração, escamoteado na projeção acalentadora da ilusão de completude fálica, implicava sua idealização à imagem e semelhança do desejo masculino – daí tanto Cailleach Beara quanto Shan van Vocht serem marcadas, em níveis distintos, pelo crivo da falta e incompletude retificáveis somente pelo homem. Se bem que não mais como uma amante, a nova metaforização da Irlanda alimentaria o narcisismo masculino em novas formulações simbólicas congruentes com uma nova conjuntura propulsora de conflitos psicossociais também novos, notadamente a angústia pela castração simbólica decorrente da regulação colonialista.

Uma vez que a positividade da mãe como recusa da castração residiria na nova demanda que imporia aos filhos em sua condição de dependência, o heteroerotismo como dispositivo de coesão social identificado por Sommer (1991) em romances fundacionais imbricados na formação de comunidades imaginadas latinoamericanas não teve semelhante proveito no nacionalismo cultural irlandês. Afinal, suas peculiaridades conjunturais motivaram uma agenda diversa da exaltação à conjugalidade heterossexual projetora da estrutura familiar patriarcal para a macroestrutura da nação. Enquanto um romance como *Iracema*, do indianista brasileiro José de Alencar, sugeria a emergência da nação como fruto da união entre uma índia nativa (metáfora da colônia) e um português (metonímia do colonizador), os filhos da Mãe Irlanda, longe de assentirem ao seu matrimônio com o colonizador,

---

<sup>35</sup> Para mais detalhes acerca do mito e sua resignificação, ver, dentre outros, Hull (1923), MacCana (1980), Kearney (1985), Rutherford (1987), Cullingford (1990) e Valente (1994).

insurgiam-se contra a autoridade paterna simbolizada politicamente por este último. Desse modo, cada medida repressiva adotada pelo império era representada como ofensa do impostor contra uma mãe desejosa por liberdade para cuidar dos filhos.

À guisa de exemplo, quando da restrição ao comércio internacional imposta pela administração britânica aos irlandeses no século XVIII, os nacionalistas recorreram a representações alegóricas para problematizar os efeitos da manobra imperial, metaforizando a Irlanda como uma mãe

surrounded with raw materials, the Gift of bountiful Providence, and the natural Produce of her Isle, but which, by the cruel, monopolizing and compulsive Hand of Power, she is prevented from using [...] even as the very Means of support for her children (MAGEE, 1779, s.p).

Ao renunciar à objetividade em benefício da estetização literária, representando os fatos políticos e suas implicações de forma alegórica em lugar de discuti-los diretamente, a *intelligentsia* nacionalista não perdia, mas ganhava eficácia retórica. Figurar a colônia penalizada pelo império como uma mãe impedida por um covarde de alimentar os filhos apesar da pujança de seus recursos naturais conferia subjetividade a um fato objetivo e, assim, investia de dramaticidade e sentimentalismo uma medida geopolítica que, explicada de outro modo, poderia ser incompreensível ou incapaz de sensibilizar o leitor.

Essa prática de significação alegórica se tornaria mais recorrente com a emergência do nacionalismo moderno e da (es)ética romântica que informou sua vertente culturalista. A literatura, ao captar e estilizar determinadas visões de mundo, constituía um espaço enunciativo privilegiado para a livre vazão da subjetividade e exploração da psiquê coletiva. A escola romântica, por exemplo, caracterizada pela oralidade no tríplice sentido de declamação, incorporação da linguagem oral e devoramento do objeto desejado (SANT'ANNA, 1985), respondia às peculiaridades de uma colônia majoritariamente ágrafa que dependia do canto ou recitação como expressão retórica, bem como da oralidade para atingir pleno entendimento e de uma fantasia de posse da terra-mãe em um vínculo fusional de substrato canibalístico que compensasse a desapropriação colonial. De fato, a profusão de nomes femininos

atribuídos à ilha<sup>36</sup> é sintomática da utilidade simbólica da representação materna da terra natal para fins diversos, conforme examinaremos a seguir.

### **Deleite de leite**

Ao se valerem da metáfora materno-filial, os intelectuais não raro esboçavam um comportamento bovarista, nos termos de Gautier (1892), pelo qual se evadiam de sua condição anódina por meio de idealizações que alteravam o sentido da realidade pelo falseamento da concepção acerca deles próprios, da terra natal e de sua relação com ela. Graças à fantasia, forma de controlar simbolicamente o que escapava ao controle, a ansiedade sobre a posse por outrem (o colonizador) de um objeto (a Irlanda) que eu (o colonizado) desejo era atenuada por diversos nacionalistas que, ao evocarem o seio lactante, exprimiam em relação à terra-mãe um infantilizado impulso sádico-oral de devoramento do seio e, por extensão, da mãe toda.

A crença de que a amamentação representava não apenas a satisfação imediata de necessidades orgânicas como também a transmissão de valores era incorporada pelo ideário nacionalista na personificação da Irlanda como uma mãe nutriz idealizada, dentre diversos outros bardos, por Thomas Moore (1829, p. 308), que declarava à nação que os corações de seus filhos “[b]ebem amor em cada gota de vida que de teu seio flui”; e Patrick Tynan (1896, p. 134), para quem os irlandeses “embebem o ódio pelos invasores ingleses com o leite de sua mãe”. Para além de conforto psíquico, representar a gaelofilia e a anglofobia como um *élan* proveniente da Mãe Irlanda, que nutria em seus filhos o amor pátrio e o ódio pelo colonizador, consistia também em uma forma de escamotear o caráter ideológico da interpelação nacionalista pela representação de ideologias emanadas de instâncias dominantes como alimentos provenientes do seio materno. Dessa transposição resultava que qualquer recusa à ideologia nacionalista equivaleria ao refugio do leite materno e, portanto, da nacionalidade.

A metáfora do aleitamento ainda favorecia a representação de todo agente imperial como um usurpador sequioso por se apropriar do seio e devorar seu leite, como expressavam John e Michael Branim (1831, p. 32) na canção em que, em contra-

---

<sup>36</sup> Dentre os quais Erin, Banba, Fodhla, Cailleach Beara, Dark Rosaleen, Kathleen Ni Houlihan e Shan Vhan Vocht.



ataque às injúrias do Duque de Wellington à Irlanda, lamentavam o fato de o inimigo ter se nutrido do leite de sua mãe justamente para ultrajá-la:

He said that he was not our brother – / The mongrel! he said what we knew. / No, Eire, our dear Island-mother, / He ne'er had his black blood from you! / And what though the milk of your bosom / Gave vigour and health to his veins? / He was but a foul foreign blossom. / Blown hither to poison our plains.

Como fantasia compensatória para a evidência da colonização, o estereótipo colonial da Irlanda como esposa era contraposto pelo significante de uma mãe intocada ou ao menos contrária à violação, acentuando-se sua lealdade aos filhos e sua resistência ao assédio do “vão intruso”, como evidencia a canção de William Millen (1920, p. 21):

Did they think that the soul of my Erin was dead – / That Saxon wiles wooed her? / Did they think that heart the years had bled / Now had turned to her vain intruder? / Did they think that the wounds that yet were red, / Could be healed by the kiss of a Tudor?

Repositório de identificações projetivas por colonizados cujas pulsões agressivas eram recalçadas em face de uma ingerência colonial mutiladora, a Irlanda era comumente representada como uma mãe ansiosa por se ver livre do tirano John Bull, personificação do império como uma figura paterna interposta entre a mãe e sua progênie. Dentre diversos outros intelectuais, Roger Casement (1914, p. 57-58) projetava o desejo anticolonial de expulsão do pai intruso como desejo da própria Irlanda, metaforizada como uma mãe ávida pela retirada do (inter)ditador que rompera sua simbiose com a prole:

[T]here she stands, [...] the old broom in her hand and preparing for one last clean sweep that shall make the house sweet and fit for her own children. And John Bull, [...] believing the house to be his, thinks that the only thing between him and the woman is a matter of wages; that all she wants is an extra shilling. Ireland wants [...] the stranger out of the house.

Se os irlandeses haviam sofrido a colonização e desejavam a Irlanda livre para ficar com ela, por que a metaforização invertia posições entre sujeito desejante e objeto de desejo? Ora, essa inversão mitigava o sentimento de fragilidade dos

colonizados ao projetá-lo na figura materna, representada como a vítima da violência, além de produzir efeito retórico de incitação cívica na medida em que os irlandeses, na qualidade de seus filhos, deveriam socorrê-la, e ainda prometer consagração heróica para aqueles capazes de cumprir o desejo da nação. Onde sua utilidade para os líderes do Levante de 1916 no documento de Proclamação da República, que conclamava: “A Irlanda, por meio de nós, convoca seus filhos à sua bandeira e à luta por sua liberdade” (PEARSE et al. apud COLUM et al., 1916, p. 81-82). Graças à metáfora materno-filial, tais líderes camuflavam sua concepção particular de nacionalismo como desígnio da Mãe Irlanda, convertendo-a em consenso, e ainda obtinham efeito retórico na medida em que, esperava-se, somente o filho mais insensível não atenderia a um apelo materno. Além disso, uma vez que o serviço à mãe apuraria a masculinidade dos filhos, valorados conforme sua devoção filial, recusar o clamor materno significava negar a própria hombridade.

A sensação de orfandade, decorrente da expropriação colonial, também era solapada pela fantasia de fusão com a nação, imaginada como análoga à mãe pré-édipica, anterior à instância da Lei que Lacan (1981) caracteriza pelo binômio *Nom-du-Père/Non-du-Père* para relacionar a dúplici função ordenadora e proibitiva da interdição ao incesto e da inscrição na ordem simbólica. A percepção da terra como um ventre de onde tudo vem e para onde tudo se vai tem longa tradição no imaginário social, haja a inscrição “Mater genuit mater receipt” que os romanos comumente faziam nas pedras funerárias de seus mortos (SANT’ANNA, 1985, p. 197). No nacionalismo irlandês, enquanto a condição colonial era representada como excomunhão do paraíso intrauterino e experimentada como um traumatismo, no sentido de Rank (1924), a morte pela pátria simbolizava retorno à simbiose mãe-filho, constituindo, portanto, uma forma de alento.

Em sua balada mais conhecida, na qual prestava tributo aos mártires do levante de 1798, John Ingram (1843, p. 49) figurava o solo natal **como** uma mãe sequiosa pelo regresso dos filhos varões: “O pó de alguns é a terra de Eriu; / Descansam eles entre o povo seu; / E a terra mesma que os pariu / Junto ao seio os prendeu”. A representação da terra como uma mãe psicótica, que faz do filho seu falo e se quer una com ele, não passava de um *duplo*, nos termos de Rank (1925), do narcisismo masculino que lhe investia de atributos que alimentavam seu desejo de completude pelo retorno

simbólico a uma Irlanda pré-colonial – desejo metaforizado em fantasias de regresso a um patamar de bonança anterior à imposição do princípio da realidade e à interposição paterna. Também a noção de encerramento cíclico sugere que nação, início e fim de um homem, detém a titularidade de direito sobre sua existência, pois reconhecer que era a Irlanda que concedia a vida aos homens implicava delegar a ela o direito de reclamá-la de volta.

### **Danação da nação**

A fantasia de uma mãe imaculada ou, pelo menos, resistente à violação, estava longe de consensual entre os nacionalistas. A mesma metáfora materna que atenuava a angústia de castração ao fantasiar uma devoção limitada aos filhos também servia como escapismo, agora pela hostilidade, para atenuar a culpa destes pela incapacidade de defenderem o território contra o invasor. Em um regime de significação no qual uma terra, quando não expropriada, era geralmente metaforizada como uma virgem, e, quando invadida, como uma mulher sexualmente dissoluta, diversos intelectuais se valiam dessa convenção de representação para condenar a Irlanda pelo assentimento à violação como sua falha constitutiva e, ao fazê-lo, eximiam os homens da responsabilidade pelo fracasso.

Para se referirem às investidas do colonizador, diversos poetas e cancionistas tracejavam a corporeidade da nação por meio de uma terminologia sexualizada na qual pontos geofísicos liminares como a orla marítima (*shore*) indicavam, literalmente, a fronteira entre a terra e o mar que circunscrevia o território e, metaforicamente, a silhueta de um corpo feminino cuja margem deveria ser protegida. Desse modo, representar a Irlanda como um significante feminino implicava identificar a penetração de estranhos em seu território como violação ou estupro, de forma que a danação da nação conspurcaria a honra dos homens responsáveis pela guarda de suas fronteiras físicas e simbólicas. Por isso, um bardo indignado pela apatia dos irlandeses em face do abuso contra a Irlanda indagava onde estariam os filhos que defendiam sua mãe dos intrusos, matando-os “[e]m tua margem ultrajada” (MACDONNELL, 1885, p. 152); outro, saudoso da nação pré-colonial que identificava como uma mãe pré-edípica, lembrava que “[m]eu ouvido de menino ainda ficava grudado para ouvir / Sobre o

orgulho de Erin por outrora, / Antes que o pé normando ousara poluir / Sua independente orla” (CUILINN, 1888, p. 123).

Outros tantos preferiam depositar toda a culpa pela violação territorial na própria Irlanda, representando-a como uma mãe desleal por não resistir à entrada do invasor e, mais ainda, por atraí-lo. Em tom revoltoso, um poeta convocava os conterrâneos a lamentarem o tempo

[w]hen the int’rest of state wrought the general woe; / The stranger – a friend, and the native – a foe; / While the mother rejoic’d o’er her children distress’d, / And clasp’d the invader more close to her breast (DRENNAN, 1815, p. 3).

A imagem da mãe que se regozija com o infortúnio dos filhos e abraça o invasor junto ao peito é sintomática de como a colonização trazia à baila experiências psíquicas como a cena primária e de como o insucesso dos irlandeses em se defenderem era projetado como atitudes de uma mãe desleal cujo seio gratificava o inimigo em detrimento da prole. Projetar o fracasso da salvaguarda das fronteiras na figura da mãe constituía uma forma de atenuar a frustração e o sentimento de impotência, preservando a integridade masculina, de sorte que deficiências estruturais como a carência de um exército organizado eram eclipsadas no gesto terapêutico da simbolização, que evitava o enfrentamento da realidade. Com ressentimento, John Keating (1918[1644], p. 49) podia então depositar todo o fardo da colonização sobre a Irlanda, condenando-a como “[u]ma puta sem respeito ou honra” por ter permitido seu abuso. Não menos colérico, Pádraic Pearse (1916, p. 153-154), ao retomar o poeta setecentista, exprimia como a imagem da Irlanda possuída sexualmente pelo império era insuportável para os irlandeses:

Ireland has lost the sense of shame. Her inner sanctities are no longer sacred to her. Keating [...] used a terrific phrase of the Ireland of his day: he called her “the harlot of England.” Yet Keating’s Ireland was the magnificent Ireland in which Rory O’More planned and Owen Roc battled. What would he say of this Ireland? His phrase if used to-day would no longer be a terrible metaphor, but would be a more terrible truth [...]. For is not Ireland’s body given up to the pleasure of another, and is not Ireland’s honour for sale in the market-places?

Se a mais impactante das agressões perpetradas pelo imperialismo consistia na violência epistêmica com vistas à colonização do imaginário e, portanto, sua seqüela

mais contundente residia na identidade cultural, a criação literária que a exprimia constituía uma importante forma de negociação com o legado colonial. Assim, mesmo problemas socioeconômicos como a inanição eram atribuídos ao descuido da mãe em relação aos filhos, como fez Aubrey de Vere (1894, p. 221), na elegia que lamentava o desastre ambiental da Grande Fome, ao imaginar a Irlanda como uma mãe desnaturada que deixava seus filhos morrerem à míngua: “Mãe severa d’uma raça desgraçada. / Em promessa, amável; em feito, gelada. / Deixa, oh, terra, ao teu seio retornar, / Os filhos que não vais alimentar”.

### **Considerações finais**

Deleuze e Gattari (1972), em movimento inverso ao da psicanálise, que parte do indivíduo para compreender a cultura, argumentam que a fantasia é antes coletiva do que individual. Os textos patrióticos analisados neste artigo ratificam a dimensão social da fantasia enquanto atualização individual de experiências coletivas sedimentadas na cultura e enquanto experiências históricas mediadas institucionalmente pelo nacionalismo e assimiladas em nível individual. Uma vez que as relações parentais reverberam nos vínculos posteriores, as ressonâncias da reação à interposição paterna na simbiose pré-edípica informavam o imaginário social dos irlandeses e, concatenando-se com os investimentos de apego pela terra e hostilidade pelo colonizador, articulavam fantasias parricidas e incestuosas indicativas de como a colonização impelia reações psíquicas direcionadoras da reação anticolonial.

Se o caráter repressivo da regulação colonial obrigava os irlandeses ao uso da simbologia como expressão patriótica, essa obrigatoriedade acabaria por beneficiar a própria agenda nacionalista. Ora, a metaforização da Irlanda como uma mãe conferia sentido concreto à abstrata noção de nação e, assim, fomentava a identificação dos irlandeses tanto com o território, naturalizando o amor à pátria e a disposição para o sacrifício como afecções filiais, quanto com seus compatriotas, constituindo um tropo para a genealogia nacional enquanto origem una entre irmãos. Ao sugerir que o único inimigo, o colonizador, vinha de fora, a imaginação da Irlanda e seus habitantes como uma família distraía a atenção para desigualdades e opressões internas. Já que a mãe, em princípio, ama os filhos igualmente, a metáfora materna também constituía um cimento de coesão nacional por sugerir isonomia e intimidar o individualismo em prol

do esforço coletivo no sentido de antepor à cisão e à individualidade o sentimento de pertença a uma comunidade sem fragmentos.

Graças ao pressuposto heteronormativo da complementaridade de gênero, a antropomorfização da terra como uma mulher ainda chancelava o androcentrismo da agenda nacionalista, pois, em suposta relação complementar, a agência simbólica se dava no domínio feminino e a material no masculino. Devido à condição de expropriados de sua terra, os irlandeses ainda encontravam na metáfora materno-filial uma forma de estabelecer um senso de unidade com ela e, assim, obtinham certo empoderamento simbólico na medida em que a identificação como filhos da Irlanda atenuava a sensação de desapropriação. Finalmente, a metáfora consistia em uma forma de exteriorizar, sob o paradigma da triangulação edípica, impulsos amistosos e hostis em relação à Irlanda e ao invasor que de outro modo seriam recalcados.

Adequada para a análise de nacionalismos pródigos em narrativas, a tese de Anderson (1983) e Sommer (1991) acerca da instrumentalidade do romance na criação e difusão de códigos identitários não fornece uma explanação suficiente para o nacionalismo dos irlandeses, despossuídos de tradição romanesca e dependentes de poéticas orais para se imaginarem. Conforme demonstramos, a canção e a poesia foram instrumentais para esse nacionalismo sob diversos pontos de vista, e essa proeminência relativiza o papel do texto impresso na formação de comunidades imaginadas, especialmente em países como a Irlanda, cuja população, majoritariamente iletrada, dependia de manifestações culturais expressas oralmente mesmo após o advento da imprensa.

## Referências

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism. London: Verso, 1983.

BRANIM, John; BRANIM, Michael. **The Chaunt of the Cholera**: Songs for Ireland. London: James Cochrane, 1831.

CASEMENT, Roger. **The Crime Against Ireland and how the War may Right it**. New York: [s.n.], 1914.

CASSIDY, James F. **The Women of the Gael**. Boston: The Stratford Company Publishers, 1922.

COLUM, Padraic et al. **The Irish Rebellion of 1916 and Its Martyrs: Erin's Tragic Easter**. Ed. Maurice Joy. New York: The Devin-Adair Company, 1916.

CROSS, Tom P.; SLOVER, Clark H. The Adventures of the Sons of Eochaid Mugmedon. In: \_\_\_\_\_. (Eds.). **Ancient Irish Tales**. New York: Henry Holt & Co., 1936, p. 508-513.

CUILINN, Sliabh. Dear Land. In: SPARLING, Henry H. (Ed.). **Irish Minstrelsy: Being a Selection of Irish Songs, Lyrics, and Ballads**. London: Walter Scott, 1888, p. 122-123.

CULLINGFORD, Elizabeth B. Thinking of Her...as...Ireland: Yeats, Pearse and Heaney. **Textual Practice**, v. 4, n. 1, p. 1-20, 1990.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **L'Anti-Œdipe: capitalisme et schizophrénie**. Paris: Minuit, 1972, v. 1.

DE VERE, Aubrey. The Year of the Sorrow; Ireland 1849. In: \_\_\_\_\_. **Selections from the Poems of Aubrey de Vere**. Ed. George Edward Woodbery. London: Macmillan, 1894, p. 219-227.

DRENNAN, William. **Fugitive Pieces, in Verse and Prose**. Belfast: Finlay, 1815.

GAUTHIER, Jules. **Le bovarysme: la psychologie dans l'oeuvre de Flaubert**. Paris: L. Cerf, 1892.

HULL, Eleanor. Legends and Traditions of the Cailleach Bheara or Old Woman (Hag) of Beare. **Folklore**, v. 38, n. 3, p. 225-254, 1927.

INGRAM, John Kells. The Memory of the Dead. In: THE WRITERS OF THE NATION NEWSPAPER (Eds.). **The Spirit of the Nation**. Dublin: James Duffy, 1843, p. 48-50.

JONES, Ernest. The Island of Ireland: A Psycho-Analytical Contribution to Political Psychology. In: \_\_\_\_\_. **Essays in Applied Psychoanalysis**. London, Vienna: The International Psycho-Analytical Press, 1923, p. 398-411.

KEARNEY, Richard. Myth and Motherland. In: DEANE, Seamus et al. (Eds.). **Ireland's Field Day**. Derry: Field Day Theatre Company, 1985, p. 61-80.

KEATING, Geoffrey (1644). My Pity How Ireland Standeth. In: PEARSE, Pádraic (Col.). **Collected Works of Pádraic Pearse: Songs of the Irish Rebels and Specimens from an Irish Anthology. Some Aspects of Irish Literature. Three Lectures on Gaelic Topics**. Dublin, Cork, Belfast: The Phoenix Publishing Co., 1918, p. 43-49.

KLEIN, Melanie. **Contributions to Psycho-Analysis: 1921-1945**. London: Hogarth, 1948.

LACAN, Jacques. **Le Séminaire. Livre III: Les psychoses (1955-1956)**. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

MACCANA, Proinsias. Women in Irish Mythology. **The Crane Bag**, v. 4, n. 1, p. 520-524, 1980.

MACDONNELL, John. Old Erin in the Sea. In: COLLINS, Charles MacCarthy (Org.). **Celtic Irish Songs and Song-Writers**. London: James Cornish & Sons; Dublin: Combridge & Co., 1885, p.150-154.

MAGEE, Jonh. **Dublin Evening Post**, 1 de julho de 1779.

MILLEN, William A. **Songs of the Irish Revolution and Songs of the Newer Ireland**. Boston: The Stratford Co., 1920.

MOORE, Thomas. **The Poetical Works of Thomas Moore**. Ed. J. M. Lake. Paris: A. and W. Galignani, 1829.

NANDY, Ashis. **The Intimate Enemy: Loss and Recovery of Self under Colonialism**. Delhi: Oxford University Press, 1983.

PEARSE, Pádraic. **Collected Works of Pádraic H. Pearse: Political writings and speeches**. Dublin, Cork, Belfast: The Phoenix Publishing Co., LTD, 1916.

\_\_\_\_\_. **Collected Works of Pádraic H. Pearse: Plays, stories, poems**. Dublin, Cork, Belfast: The Phoenix Publishing Co., LTD, 1917.

RANK, Otto. **Das Trauma der Geburt und seine Bedeutung für die Psychoanalyse**. Leipzig, Vienna: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1924.

\_\_\_\_\_. **Der Doppelgänger: Eine Psychoanalytische Studie**. Leipzig, Vienna, Zürich: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1925.

RUTHERFORD, Ward. **Celtic Mythology: Nature and Influence of Celtic Myth – From Druidism to Arthurian Legend**. New York: Sterling, 1987.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo amoroso: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOMMER, Doris. **Foundational Fictions: The National Romances of Latin America**. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, 1991.

THIONG'O, Ngugi wa. **Decolonising the Mind: The Politics of Language in African Literature**. London: James Currey; Nairobi: Heinemann Kenya; New Hampshire: Heinemann, 1986.

TYNAN, Patrick J. P. **The Irish National Invincibles and their Times**. London: Chatham and Co., 1896.



VALENTE, Joseph. The Myth of Sovereignty: Gender in the Literature of Irish Nationalism. **ELH**, v. 61, n. 1, p. 189-210, 1994.

[Recebido: 20 ago. 2013 - aprovado: 21 out. 2013]

\* \* \*